

# A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA E A IDEIA DE UNIVERSIDADE<sup>1</sup>

Ricardo Alexandre da Cruz<sup>2</sup>

Quero iniciar esta resenha de modo inusitado. Inusitado por quê? Primeiro que esta resenha foge a regra, propositalmente, das resenhas “convencionais”, pois ela não vem apresentar uma obra recente aos leitores, mas sim representar uma obra que tem mais de cinquenta anos. O motivo que me levou a desafiar as ordens das coisas e resenhar a obra de Roque Spencer Maciel de Barros é que não concordo com a máxima de que só livros recém lançados (geralmente com no máximo cinco anos de lançamento) sejam resenhados. Estou de acordo que livros recentes devam ser apresentados ao público, mas também acredito que alguns livros “velhos” devam, mereçam e precisam ser reapresentados ao público. E este é o caso da obra aqui resenhada. Pois, embora seja uma obra com algumas dezenas de anos ela é extremamente importante para se entender a história das ideias e a concepção de universidade.

A obra *A ilustração brasileira e a idéia de universidade* de Roque Spencer Maciel de Barros consiste numa análise da história das idéias nas duas últimas décadas do século XIX (1870 a 1889). Momento este, que segundo o autor, teve para o Brasil um papel semelhante ao do Iluminismo na Europa do século XVIII. Nessa perspectiva, Barros faz uma relação entre a ilustração e suas implicações referentes à ideia de universidade. Na verdade, é através das possíveis relações entre a ilustração e a idéia de universidade que o autor pretende analisar as posições ideológicas que melhor traduzem o panorama da ilustração do período estudado.

O trabalho de Barros, é um texto relativamente extenso, tem 412 páginas e é dividido em duas partes. A primeira, intitulada *Panorama da ilustração brasileira* tem os seguintes capítulos: *A ilustração brasileira; A mentalidade católica-conservadora; A mentalidade liberal; A mentalidade cientificista*. A segunda, que recebe o nome de

1 BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1959. (Boletim n.241).

2 Mestrando do programa de pós-graduação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: ridacruz@yahoo.com.br

A Universidade Malograda e o Triunfo do Ensino Livre, é composta pelos capítulos *Universidade* e *o Ensino Livre*; *A marcha triunfante do ensino livre*; *A Universidade: renascimento e agonia de uma esperança* e *o esforço sintético de Rui Barbosa*.

Na primeira parte da obra, mas especificamente no capítulo um A ilustração brasileira, o autor aponta o papel da ilustração na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. Para isso, elege a juventude daquela época como a grande protagonista desse movimento. Um movimento, que de acordo com o autor, trazia em seu bojo idéias liberais e uma confiança religiosa no poder transformador da ciência. Sendo essa, entendida como a única e legítima forma de garantir o desenvolvimento do homem tanto moral quanto materialmente. Assim é que, esses homens das décadas de 70 e 80, insuflados com o lema de que "um país é o que a sua educação o faz ser", e que, "ilustrar é ser bom é ser feliz", se propõem a ilustrar o país, a iluminá-lo com as luzes radiantes e irresistíveis da ciência e da cultura.

No capítulo dois A mentalidade católico-conservadora, o autor apresenta a postura assumida pela Igreja Católica frente o movimento de ilustração. A Igreja, segundo o autor, se uniu para combater aquelas idéias que estavam colocando em risco as almas dos fiéis, pois a mesma reclamava para si a "liberdade de salvar as almas". Barros sinaliza, que a Igreja buscou em si mesma os elementos que a possibilitassem, aos olhos da sociedade, ser percebida como um instrumento vital e sob encomenda para a manutenção da ordem e dos bons costumes da sociedade. Se por um lado essa postura da Igreja agradou a alguns por outro lado só fez acirrar os animos daqueles que a tinham como grande travadora do progresso, e fez com que alguns a reconhecesse como uma das instituições mais conservadoras da sociedade brasileira de fins dos oitocentos.

A mentalidade liberal constiu o capítulo três da obra e aqui o autor interpreta como na década de setenta e oitenta o catolicismo não operava somente nas consciências, mas sobretudo, nas instituições. Assim não é de surpreender, como bem demarca Barros, o evidente embate entre o movimento da ilustração e o pesamento católico-conservador presentes nas instiuções, de modo especial nas instituições de ensino superior. Segundo o autor, é nelas que se vai ter um dos principais focos de tensão entre o movimento de ilustração e o Catolicismo. Pois, o movimento de ilustrção alçado nas

idéias liberais e cientificista queria levar o liberalismo às instituições e era estratégico para esse movimento ramificar suas idéias nas universidades, mas a mentalidade católico-conservadora não estava disposta a ceder, daí que ambas travaram uma disputa aberta pela hegemonia na educação superior que vai ser atenuada com a Proclamação da República e a consequente vitória, mesmo que parcial, do movimento de ilustração.

O último capítulo, A mentalidade cientificista, da primeira parte trata de como se constituiu a "filosofia científica" e sua aposta no saber como veículo eficaz para a superação das mazelas humanas tanto físicas como espirituais. Para Barros, a defesa desse postulado foi uma das fontes fundamentais em que os bacharéis apoiaram suas idéias e visões de mundo. O autor atesta, que essa mentalidade cientificista adquiriu tamanha significação e amplitude nas academias devido ao fato de que nas mesmas as antigas idéias fundadas mais em crenças do que em sua comprovação já estavam esvaziadas e deslocadas.

A segunda parte do livro, A universidade malograda e o triunfo do ensino livre, tem como primeiro capítulo A Universidade e ensino livre. O autor esclarece que se por um lado os homens da ilustração, na sua tentativa de elevar o país, lançaram mão da atividade política de outro lado, lançaram mão também de uma atividade política de ordem pedagógica. Pois, os defensores da ilustração, pensavam em distribuir as "luzes" a todas as classes sociais, mas acreditavam que primeiro era necessário repensar o ensino superior, pois, era ele o grande germinador do homem ilustrado. E só seria possível um povo ilustrado com a formação de uma elite verdadeiramente ilustrada capaz de disseminar o ensino primário, etc. Barros alerta, que os homens da ilustração eram enfáticos para que se repensasse a universidade devido ao fato de que eles haviam percebido que a mesma estava muito aquém de responder as necessidades que, o mundo moderno, a ela impunha. Os ilustrados da época apontavam que nessa reestruturação da universidade, que a colocaria em sintonia com o tempo presente, teria o ensino livre como um elemento chave. Ensino livre, entendido, a grosso modo, como uma certa ausência do Estado na formulação/ ou indicação de doutrinas a serem ministradas nos estabelecimentos de ensino, sobretudo a universidade, delegando essa tarefa à homens competentes independente de suas crenças.

A maneira como ocorreu a trajetória de consolidação do ensino livre, no ensino superior, é mostrado por Barros no capítulo dois intitulado *A marcha triunfante do ensino livre*. Destaca-se, como a ideia de um ensino livre deixa de ser uma simples ideia entre outras em matéria de instrução pública para se tornar a peça chave da articulação e direção de um sistema liberal de ensino. Para corroborar essa ideia, o autor analisa e aponta os diferentes projetos apresentados no parlamento que tratavam do ensino livre assim como as reivindicações das faculdades reclamando o estabelecimento do ensino livre.

Já o capítulo três, *A universidade: renascimento e agonia* de uma esperança o autor apresenta as mudanças efetuadas na organização da universidade nas décadas de 70 (pelo Ministro Paulo de Souza) e 80 (pelo ministro Barão Homem de Melo) do século XIX, mas observa como essas mudanças não permitiram que a universidade se tornasse compatível com o pensamento ilustrado brasileiro. Pois, para Barros, ambas confluíram para a centralização do poder administrativo das faculdades brasileiras criando assim um fosso entre a universidade e a liberdade de ensino.

No quarto e último capítulo da obra, nomeado *O esforço sintético* de Rui Barbosa, Barros reconhece na figura de Rui Barbosa o grande representante da ilustração brasileira, e busca pontuar no pensamento do mesmo, sobretudo naqueles presentes em seus *Pareceres*, os problemas fundamentais do ensino superior. Pois, o autor acredita que o pensamento de Rui Barbosa em relação ao ensino superior sintetiza as diferentes teses presentes na época sobre a questão. Assim, o autor examina os discursos, escritos, entre outros registros, produzidos por Rui Barbosa no tocante ao liberalismo, ao cientificismo e suas relações com o ensino e com a universidade.

O trabalho de Roque Spencer Maciel de Barros, *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*, apesar de quase quarenta e nove anos de sua publicação, é uma obra que muito pode dizer e sinalizar sobre nossos problemas educacionais atuais, sobretudo aqueles relacionados ao ensino superior. Questões como autonomia universitária, a liberdade de ensino nas universidades, destinação de recursos públicos para o ensino privado e de recursos privados para o ensino público e a eterna dualidade do ensino nacional Público X Privado, podem ser pensadas a luz desta obra que embora possa não dar respostas definitivas a essas questões, mas pode pelo

menos sinalizar as origens, e o que se segue a estas origens, destes problemas educacionais

Outro ponto importante a ser destacado na obra de Roque Maciel é que ela juntamente com seu outro trabalho *A Evolução do pensamento* de Pereira Barreto e seu significado pedagógico (1955), com a qual inicia o estudo das idéias positivistas no Brasil, e *As reformas pombalinas da instrução pública* (1952), *A educação brasileira e sua periodização* (1971) essas duas últimas de Laertes Ramos de Carvalho marcam um momento importante que é o início da construção de uma tradição de pesquisa no âmbito da História da Educação brasileira. Um exemplo desta contribuição para a História da Educação pode ser percebida ao longo deste trabalho *A Ilustração brasileira e a ideia de universidade* onde se percebe todo um esforço de Barros em manter por toda obra um obstinado rigor acadêmico na elaboração de seu trabalho. Não que anteriormente as contribuições de um Primitivo Moacyr e especialmente de um Fernando de Azevedo não tenham sido importantes para a História da Educação, mas parece ser inegável o papel que Roque Spencer ( não obstante este ter se ocupado mais com a filosofia da educação) e Laertes Ramos tiveram na formulação e na consolidação da História da Educação como campo de pesquisa acadêmica que veio a superar o modelo narrativo encontrado em Azevedo e Moacyr.

A ilustração brasileira e a ideia de universidade é muito útil para aqueles que querem aprofundar seus estudos na História da Educação, na História das Idéias, sobre o período das “luzes” brasileiras. Assim como, da relação entre a universidade brasileira da segunda metade do século XIX e suas articulações com a cultura e com as principais tendências que agitavam a Europa e a América do Norte como o positivismo, liberalismo, cientificismo e tantos outros ismos que não deixavam de ecoar no Brasil.

Roque Spencer Maciel de Barros, filho de Paulo Maciel de Barros e Leontina Albuquerque Maciel de Barros, nasceu em Bariri, no interior de São Paulo, no dia 05 de abril de 1927. Passou sua infância e adolescência em São Joaquim da Barra; iniciou seus estudos no interior do Estado e os completou na capital, onde viria a viver e desenvolver sua atividade profissional.

Em 1946 ingressou no curso de filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências Letras da USP. Em 1955 defende sua tese de

doutoramente sobre a Evolução do pensamento pedagógico de Pereira Barreto e seu significado pedagógico. Já em 1959 produz sua consistente tese de livre- docência intitulada *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*, além de vários artigos que versavam sobre Filosofia, Filosofia da Educação e Filosofia Política como, por exemplo, *Introdução à filosofia liberal* (1971), *Estudos liberais* (1992) e *Razão e Racionalidade* (1993), etc.

Roque Spencer atuou muito anos como professor de História da Educação na Universidade de São Paulo e figura entre os principais teóricos do liberalismo e da educação brasileira.

Roque Spencer Maciel de Barros faleceu em 1999 aos 72 anos de idade.

Recebido em: fevereiro de 2013

Aprovado em: abril de 2013